

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1986

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_18](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_18)
ISSN: 0084-9189

Recensão bibliográfica

Jaime SILES, *Epigrafia Hispanica — Léxico de Inscripciones Ibéricas*. Ministerio de Cultura, Madrid, 1985, 437 p.

Na Introdução, preconiza Jaime Siles a transformação da filologia clássica numa filologia clássica peninsular, cujos objectivos seriam: a decifração e caracterização das escritas tartéssicas e bástulo-turdetas, do alfabeto grego-ibérico, do celtibérico, do alfabeto monetário «líbio-fenício» e da língua lusitana. Interessaria, ainda, considerar a integração do aquitano no contexto linguístico peninsular, «delimitar as áreas linguísticas à luz das fontes clássicas e dos documentos epigráficos e monetários». Por fim, numa perspectiva globalizante, tais análises deverão inserir-se nos estudos, de carácter mais amplo, de onomástica.

Sobre todos estes temas já se fizeram inúmeros estudos — e J. Siles cita os investigadores que, na esteira de Tovar, a eles se dedicaram. A tarefa é, agora, a de se proceder à análise crítica de toda a bibliografia, de forma a poder sistematizar os dados adquiridos, numa desejável interdisciplinaridade.

Por sua parte, o Autor limitou-se, por agora, a fazer o ponto da situação acerca do léxico das inscrições ibéricas.

J. Siles reúne, neste volume, por ordem alfabética, as palavras indígenas registadas em documentos peninsulares, à excepção das que figuram nos textos tartéssicos e bástulo-turdetanos (ainda por decifrar). Trata-se, como diz, de uma espécie de «*corpus* de emergência», onde se têm em conta, como é óbvio, não só os aspectos propriamente linguísticos como também o contexto arqueológico do achado e as características específicas do objecto em que foi gravada a inscrição.

Desta sorte, J. Siles apresenta, de cada monumento, as seguintes informações: gravura da inscrição em alfabeto indígena e sua transcrição; local de achamento, tipologia do objecto e paradeiro actual; assinalam-se e comentam-se, finalmente, as variantes de leitura e de interpretação dadas por diferentes autores.

Embora publicado em 1985, este Léxico apenas reúne os materiais linguísticos ibéricos conhecidos até 1976, data em que S. Siles completou a sua investigação — pelo que não será de estranhar não haver referências à bibliografia saída a lume depois. Ocorre, por conseguinte, perguntar se tão longo intervalo, de quase dez anos, quando se perspectiva para breve a publicação completa dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum* a cargo de J. Untermann, não terá, de certo modo, inutilizado este volume. Pensamos que não: os objectivos das duas publicações complementam-se, não se excluem. A obra de Untermann, mais complexa, é um *corpus*; J. Siles apresenta-nos, com clareza, um léxico de 1805 vocábulos de muito fácil consulta, espécie de imprescindível vade-mécum para o linguista. Não menos útil é, também, a exaustiva bibliografia, por autores, incluída no final do volume.

Deixamos, naturalmente, aos linguistas a discussão específica sobre a metodologia adoptada para a transcrição e sobre a correcção das leituras feitas. Para o epigrafista, este léxico pode servir de excelente termo de comparação na análise da onomástica de raiz pré-romana peninsular. O arqueólogo terá, por enquanto, uma certa dificuldade no manuseamento destes dados: para ele importa, sobretudo, o contexto dos achados, o suporte das inscrições — bastaria ter-se incluído um índice toponímico e, porventura, um outro desses suportes (selos, chumbos, estelas, pesos...) para mais facilmente se alargar à Arqueologia o interesse deste trabalho.

Realçamos, finalmente, a sugestão de sempre se ter em conta o que J. Siles designa por «os três contextos», ou seja, a necessidade de a análise linguística ser cada vez mais complementada com a descrição correcta do objecto epigrafado e a anotação pormenorizada das circunstâncias do seu

achamento. Esse cotejo minucioso da problemática arqueológica com os dados epigráficos e a análise linguística é, seguramente, uma das vias mais fecundas que hoje se abre à investigação sobre o passado pré-romano peninsular. J. Siles reuniu, neste léxico, com muita oportunidade, os elementos linguísticos disponíveis; os dados da onomástica foram periodicamente apresentados pela saudosa Maria de Lourdes Albertos e continuarão a sê-lo, decerto, pelos epigrafistas peninsulares; faltam-nos, por enquanto, as sínteses arqueológicas — mas as perspectivas são, de facto, animadoras.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Conimbriga, 19 (1980) p. 234-236